

Seção 01: Contextualizando Gênero**O Rio de Janeiro, no feminino: Berta, Lota e outras cariocas entre a Belle Époque e os anos 60.****Mary Lucy Murray del Priori**

Rio de Janeiro, início do século XX. Os anos posteriores à proclamação da República foram marcados por um turbilhão de mudanças. A europeização, antes restrita ao ambiente doméstico, transformou-se em objetivo – melhor seria dizer “obsessão” – de políticas públicas. Tal qual na maior parte do mundo ocidental, cidades brasileiras passaram por um processo de mudança radical, em nome do controle e da aplicação de métodos científicos; crença que também se relacionava com a certeza de que a humanidade teria entrado em uma nova etapa de desenvolvimento material marcada pelo progresso ilimitado. Por apresentar uma visão otimista do presente e do futuro, o final do século XIX e início do XX foram caracterizados – seguindo a moda europeia – como sendo uma *belle époque*. Havia, contudo, uma face sombria nesse período. O início da República conviveu com crises econômicas, marcadas por inflação, desemprego e superprodução de café. Tal situação, aliada à concentração de

terras e à ausência de um sistema escolar abrangente, fez que a maioria dos escravos recém-libertos passasse a viver em estado de quase completo abandono, sem direito a voz na sociedade brasileira. A capital ganhou maquilagem transformando-se numa “Paris à beira-mar”, graças a Pereira Passos. O país perdeu Machado de Assis e Euclides da Cunha. As revoltas da Vacina e da Chibata agitaram as ruas.

Esse foi o tempo do “Brasil do fraque e do espartilho”. O brasileiro cuspiu menos nas ruas. Nas salas, a escarradeira de louça era obrigatória e partos e velórios eram feitos em casa, como bem resumiu Nelson Rodrigues. Além da cidade, suas moradoras, as cariocas, também viveram diversas transformações. Mudanças em sua vida privada, mudanças afeitas à vida cultural e política da cidade:

Viveram também, a invenção do batom, em 1925. O aprofundamento dos decotes as levou a aderir à depilação. “Manter a linha” tornou-se um culto. A

magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva da *Belle Époque*. Ela cortou os “cabelos à *la garçonne*”, gesto sacrílego contra bastas cabeleiras do século anterior. Com o desaparecimento da luva, essa capa sensual que funcionava ao mesmo tempo como freio e estímulo do desejo, surgiu o esmalte de unhas. Mãos e pés atraíam olhares e atenções masculinas. Grandes romances lidos durante o século XIX como “A pata da gazela” ou “A mão e a luva”, revelavam, em metáforas, o caráter erótico dessas partes do corpo, na moda ainda no início do século¹. Pois rapazes esperavam no final da linha do bonde, no Largo do Machado, para ver as moças descerem e roubar, numa rápida mirada, um pedaço de tornozelo entre a botinha e a saia.

A música também assinalou transformações nos comportamentos femininos, registrando o estarrecimento masculino diante de mudanças que rompiam com valores tradicionais. O papel “superior” do macho estava sendo questionado. Eis porque multiplicavam-se as composições sobre a mulher que

renunciava ao lar, para emancipar-se: “*Good-bye, meu bem*” gravada por Raquel de Freitas ou “Dona Balbina”, por Carmem Miranda são bons exemplos. E os homens não ficaram de braços cruzados. A crítica feroz à liberação feminina, usando como alvo os cortes de cabelo, a redução do tamanho dos vestidos e do uso da maquiagem veio na forma de composições como as que fez Francisco Alves com “Tua saia é curta” ou “Futurista”. Em “Se a moda pega” ou “Cangote raspado” a queixa é contra moças que expunham a nuca aos rapazes, graças ao corte “à *la garçonne*”. Recusa ao namoro ou ao casamento? Frieza e maldade da nova mulher que emergia entre os anos 30 e 40. O resultado de tanta “leviandade”, segundo os compositores, era o abandono e a solidão.

No decorrer do século XX, a carioca se despiu. O nu nas revistas e nas praias, incentivou o corpo a se desvelar em público, banalizando-se sexualmente. Uma estética esportiva votada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica de nossos avós.

¹ - Ver sobre o assunto Luís Felipe Ribeiro, em seu belo *Mulheres de papel, Um estudo do Imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*, Rio de Janeiro, EDUFF, 1996, p.118.

Tanto o Carnaval quanto as festas religiosas convidavam a excessos onde a sexualidade feminina não se escondia mais. Por exemplo, a festa de Nossa Senhora da Penha, no Rio de Janeiro, segundo o capelão da Irmandade: “transformava-se todos os anos em bacanal vergonhoso aviltado por crimes hediondos e desordens abomináveis”. Era nas faldas do morro escarpado, sobre o qual repousa o templo, que as pessoas iam “não levadas pela fé – queixa-se o padre – mas para dar livre e impudica expansão ao libertinismo repugnante”. Sexo e fé não rimavam. A imprensa criticava o que se considerava “verdadeira bacanal da Grécia ou Roma Antiga”.

O Carnaval também colocava em cena a sexualidade posta de lado, no restante do ano. A Praça Onze, no Rio de Janeiro, ponto alto do encontro de camadas populares promovia uma festa de “gritos e urros”, segundo observadores, ao som de cuícas e pandeiros, onde morenas requebravam “como gatas, felinas e maliciosas, tentando branco e preto, louro e moreno, dançando e rodopiando”, descrevia o jornal O Radical em 1933. Não escapou a Graça Aranha, escritor e diplomata, idealizador da Semana de 22

em São Paulo, as diferenças entre o carnaval de rua e aquele dos clubes fechados. No primeiro, triunfava a negra e a mulata: “Fura a imobilidade um grupo de baianas, dançando, cantando, saracoteando a grossa luxúria negra, seguidas por gorilas assanhados de beijos compridos, tocando pandeiros, pulando lascivos”.

Já nos bailes fechados, atos abomináveis se multiplicavam. Éter e cocaína rolavam. Mulheres, passando dos 50 atracavam-se com “rapazinhos de 18”. Noivas esqueciam o compromisso e pulavam nos braços de outros. Não faltava o choro envergonhado da mocinha de boa família, apalpada ou espalmada. Problema dela, afinal estava vestida de “*gigolette*”, prostituta parisiense das mais reles. A poetisa carioca Cecília Meirelles explicava a opção da fantasia que revelava mais do que escondia: “senhoras tranqüilas sofrem silenciosamente o ano inteiro só com a esperança de aparecerem no carnaval vestidas de *gigolettes*”. Cronistas acusavam a promiscuidade reinante nos melhores ambientes, levando senhoras casadas a se comportarem como prostitutas:

“muitas são as damas finas que se nivelam as hetairas nos clubes, nos bailes, nos três dias de orgia carnavalesca. Terminada a festa, porém, as prostitutas continuam no seu triste mister; as elegantes, decaídas eventuais, tornam aos seus lares, tomam parte em ligas contra o álcool, deitam o verbo fulminando contra o vício”, denunciava a Revista Policial, em 1927. O dramaturgo e ator, Mario Lago, em suas memórias, mencionou os namoricos e coisas “mais conseqüentes” que nasciam nesses dias. O desejo, sobretudo o feminino, engessado pelos bons costumes durante do ano, explodia nas fantasias e comportamentos espontâneos. Era “sem vergonhismo” puro, no entender de alguns. Caminhada para a liberdade, no de outros.

Outros como a escritora Ercília Nogueira Cobra, defensora de tais conquistas e crítica da submissão na qual as mulheres foram sempre colocadas:

“Os homens no afã de conseguirem um meio prático de dominar as mulheres, colocaram-lhe a honra entre as pernas, perto do ânus, num lugar que, bem lavado, não digo que não seja limpo e até delicioso para certos misteres, mas que nunca poderá

ser sede de uma consciência. Nunca!! Seria absurdo! Seria ridículo, se não fosse perverso. A mulher não pensa com a vagina, nem com o útero”².

Além de movimentos intelectuais, havia outro a empurrar as mulheres. Desde o início do século, na Europa, multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica, os manuais de medicina que chamavam atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios. Os novos métodos de ginástica investiam em potencializar as forças físicas. Nos finais do século, mulheres começam a pedalar ou a jogar tênis. Não faltou quem achasse a novidade, imoral, uma degenerescência e até mesmo, pecado. Perseguiu-se tudo o que pudesse macular o papel de mãe dedicada exclusivamente ao lar. Era como se as mulheres estivessem se apropriando de exercícios musculares próprios à atividade masculina. Algumas vozes, todavia, se levantaram contra a satanização da mulher esportiva. Confinadas em casa, diziam os médicos, as mulheres só podiam murchar. Era preciso oxigenar as carnes e alegrar-se graças ao equilíbrio saudável do organismo. O esporte seria

² - Maria Lúcia Mott e Marina Maluf.

mesmo uma forma de combater os adultérios incentivados pelo romantismo. Afinal, encerradas em casa, só restava às mulheres sonhar com amores impossíveis ou tentar seduzir o melhor amigo do marido.

A elegância feminina começou a rimar com saúde e se a mudança ainda se revelava hesitante, não demorou muito se instalar. Mas o leitor deve estar se perguntando, como se passaram tais transformações entre nós.

Os banhos de mar, mesmo com muitas restrições, tiveram importante significado para as mulheres. Encarados inicialmente como remédio, acabaram por proporcionar uma nova oportunidade de convívio social³. A princípio, as “mulheres de respeito” tomavam banhos de madrugada, quando o dia ainda clareava, usando uma indumentária rigorosa feita de: “calças muito largas de baeta, tão áspera que mesmo molhada não lhe pode cingir o corpo”. Do mesmo tecido um blusão com gola larguíssima, á marinheira, abrigada a um laço amplo que servia de enfeite, mas também de tapume a uma

possível manifestação de qualquer coisa que sugerisse um seio. Calças, até o tornozelo, caindo em babados que cobriam os pés. Estes eram calçados com sapatos de lona e corda, amarradas, à romana, na perna. Na cabeça, uma touca de oleado ou chapelões de aba larga. Mesmo com tantas precauções, a presença de mulheres na praia significava tal revolução capaz até de mexer com a imaginação dos homens. Não eram, conseqüentemente, poucas as admoestações que estes encontravam afixadas nas casas de banho que se multiplicavam nas praias: “*É expressamente proibido fazer furos nestas cabines; os encontrados nesta prática serão entregues à ação da polícia*”. Apesar dos avanços, Hermínia Adelaide, conhecida artista, ainda escandalizava a população ao banhar-se na Praia do Flamengo com roupas que desenhavam sua forma física. Todos paravam para olhar; as moças de família, encabuladas, viravam o rosto.

Mas as mudanças caminhavam a passos largos. A 8 de fevereiro de 1920, na piscina do Fluminense F. Club, ocorreu a primeira competição em piscina com três provas femininas. Nadaram: Edith Julien, Maria Augusta Lopes, Mirian Antunes e Adelia Caldas

³ - Ver o seu *Cidade esportiva – primórdios do esporte no Rio de Janeiro*, Relume Dumará/FAPERJ, 2001 .

Brito. Tudo indica que desde 1919, quando a piscina do Fluminense foi inaugurada (a primeira no Rio), mulheres, sócias do clube, já participavam de aulas de natação⁴. Em 1949, a ligação pelo túnel Engenheiro Sodré, antes túnel Carioca e hoje Túnel Novo, ganha uma segunda galeria. O fácil acesso às praias de Copacabana e Ipanema chegou junto com uma nova invenção: a do biquíni. Os cine-jornais de César Nunes, guardados no Arquivo Nacional, mostram as cariocas em pesados duas peças, muitas delas esquivando-se das câmaras para não serem reconhecidas pelos familiares. A voz de Cid Ferreira anunciava que a praia era patrulhada por uma “*polícia marítima*” encarregada de impedir os malandros de tirar casquinhas no rebuliço das ondas da arrebentação”. Estes foram também os anos dourados da natação feminina. Na piscina do Flamengo, por exemplo, a arquibancada vinha abaixo com gritos de “Boa”, “Boa”, cada vez que a escultural Neusa Cordovil subia à raia para disputar uma prova.

⁴ Ver Fabiano Pries de Vide, *História das Mulheres na Natação Brasileira no Século XX: das adequações às resistências sociais*. São Paulo, Hucitec, 2004.

Já no século anterior, muitas mulheres se colocaram na vanguarda da época e ousaram penetrar espaços estranhamente masculinos: o mundo das letras, da redação de jornal, da célula partidária. Num tempo em que a maioria da população feminina estava relegada ao lar ou à literatura do colégio de freiras; tempo no qual os “livros que tinham idéias” eram proibidos aos olhos das donzelas, tais mulheres marcaram presença nos territórios masculinos.

Pioneira, a poetisa Narcisa Amália, primeira mulher a se profissionalizar como jornalista, aderiu às preocupações de jovens intelectuais de sua geração. Influenciados por temas liberais como os do escritor francês Victor Hugo, eles colocavam a pena a serviço das idéias democráticas e progressistas, da modernização da nação, da elevação do nível cultural e material da população. A percepção da necessidade de educação unia as agendas femininas, de Norte a Sul: “*sem a instrução popular – dizia Narcisa – a democracia jamais passará de uma dourada quimera*”. O mesmo fez Júlia Lopes de Almeida, colaboradora do *Jornal das Senhoras* e autora de vários romances que criticavam a supremacia

masculina e a negação do direito de voto às mulheres.

Um pouco mais tarde, assistiu-se, também, a participação de muitas na luta por idéias feministas. Amélia Carolina da Silva Couto foi uma delas. Atuou por meio do jornal que fundara o *Eco Fluminense*. Ana Amélia Carneiro de Mendonça, tradutora e poetisa, jogadora de futebol e uma das fundadoras da *Pro-Matre*, escrevia para as revistas *Fon-Fon e Careta*. Em 1912, Nair de Teffé expunha seus desenhos nos salões do *Jornal do Comércio* e apresentava-se no *Jeremias Café e Restaurante*. Casada, depois, com o presidente da República, Hermes da Fonseca, introduziu saraus no Palácio do Catete onde executava maxixes, inclusive o “Corta-Jaca” composto para ela, por Catulo da Paixão Cearense e orquestrado pela meaestrina Chiquinha Gonzaga. A execução valeu-lhe o ódio de Rui Barbosa que, nas palavras da caricaturista “babava contra ela”, nas sessões do Senado.

As mudanças trazidas pelo novo sistema político convidaram à fundação de organizações de luta. O *Partido Republicano Feminino* abriu suas portas a 23 de dezembro de 1910. Na presidência, a feminista baiana Leolinda

Daltro. Os objetivos eram promover a cooperação feminina para o progresso do país, combater a exploração relativa ao sexo e o mais importante: o direito ao voto. A discussão sobre o tema vinha se arrastando desde 1880. Leolinda e suas companheiras de militância, entre elas a poetisa Gilka Machado, não perdiam uma única oportunidade de promover os princípios do partido. Em novembro de 1917, levaram as ruas do centro da capital dezenas de simpatizantes do sufrágio universal.

Depois, foi a vez da *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*. Lideradas pela bióloga Bertha Lutz, - paulista de nascimento que fez do Rio palco para sua ação política - as sufragistas encontraram no senador Juvenal Lamartine um apoio para animar seu combate. A parceria foi duradoura, pois ela acompanhava o político em seus deslocamentos. Junto com Carmem Portinho, Bertha aproveitava para fazer discursos, distribuir panfletos e dar entrevistas. Em 1930, começou a tramitar no Senado o projeto que daria o voto às mulheres, mas com a Revolução, as atividades parlamentares foram suspensas. Depois da vitória das forças democráticas, foi nomeado um grupo de juristas

encarregado de elaborar o novo código eleitoral. Entre eles estava Bertha, formada então em Direito também. A Revolução Constitucionalista atrasou mais uma vez a aprovação do projeto. Só em fevereiro de 1932, Getúlio Vargas assinou o tão esperado direito de voto. Bertha elegeu-se deputada federal em 1936. Sua carreira política nacional e internacional foi brilhante, ocupando sempre cargos em instituições de renome.

No Rio de Janeiro, Getúlio Vargas encontraria uma de suas maiores opositoras na figura de Maria do Carmo Nabuco de Araújo. Verdadeira liberal ajudou a fundação da UDN e destacou-se ao lado do primo Rodrigo de Mello Franco, na defesa das tradições e da arquitetura colonial brasileira. Ativa no Serviço do Patrimônio Histórico que tornou possível o inventário de monumentos, nunca deixou de trabalhar em favor da conservação de nosso passado. O resgate da cidade de Tiradentes é obra sua.

Criado em 1928, o Comitê das Mulheres Trabalhadoras foi uma das primeiras associações de sindicalistas do Brasil. Sob influência do Partido Comunista do Brasil, a organização divulgava idéias do partido à porta das

fábricas, nos subúrbios pobres e instava as mulheres a participar da vida política. Ali se destacaram Maria Lopes, Isaura Nepomuceno e Laura Brandão.

Nos anos 60, o governador Carlos Lacerda convidou a parisiense Lota Macedo Soares para assessorar a SURSAN (departamentos de Parques da Secretaria Geral de Viação e obras de saneamento e Urbanização) e realizar o paisagismo do Parque do Flamengo e Botafogo. A tarefa foi levada adiante em parceria com Burle Marx. Amiga de grandes políticos, rompeu com os preconceitos da época ao viver por muitos anos com a poetisa americana Elizabeth Bishop.

No início de 1964, o presidente Goulart encaminhou ao Congresso um projeto de reforma agrária e foi derrotado. Através de mobilizações de massa pressionou o Poder Legislativo. No comício de 13 de março, que reuniu cerca de 150 mil participantes, anunciou decretos e nacionalizações. As medidas foram acompanhadas por declarações bombásticas defendendo a constituição de um Congresso composto de camponeses, operários, sargentos e oficiais militares. Em um lance extremamente infeliz, Goulart estendeu a mobilização sindical aos quartéis. Em

fins de março, apoiou a revolta dos militares no poder. A quebra da hierarquia militar era o item que faltava para que os conspiradores conseguissem apoio da ala legalista das forças armadas. Em 31 de março foi deposto o presidente, e, em 15 de abril, o general Castello Branco, identificado à ala legalista, assumiu a Presidência da República, dando início a outro momento de nossa história.

Em plena Guerra Fria, o Rio de Janeiro continuou importante para a ação política de mulheres. Aqui nasceu um movimento político que mobilizou milhares de mulheres em várias cidades brasileiras: a *Campanha da Mulher pela Democracia* ou *CAMDE*. Sob o lema “Deus é a verdade. Democracia e Liberdade” e a presidência de Amélia Molina Bastos, a organização patrocinou intensa campanha nas ruas por meio de “marchas” contra o comunismo. Do outro lado do espectro político, inúmeras mulheres ingressaram na clandestinidade, lutando contra o regime instalado: Elza Monnerat, Elizabeth Teixeira, Clara Sharf, Damaris Lucena entre outras, algumas das quais morreram em combate contra a repressão exercida pelo Governo Militar.

Depois desta bela caminhada, capitaneada por mulheres corajosas e idealistas, o que temos hoje? O feminismo contemporâneo multiplicou-se em mais de mil grupos espalhados pelo país atuando em diferentes setores. Algumas organizações continuam atuantes via ONGs, rádios, universidades, projetos educativos e de saúde. Em plena democracia, não há mais obstáculos para a representação de mulheres no Congresso. Pode-se dizer que se alguém conquistou plena igualdade política, foram as brasileiras. Elas fazem campanhas e são eleitas, sem as perseguições movidas no passado como, por exemplo, a que atingiu Bertha Lutz acusada de fraude eleitoral. E a igualdade com os políticos é absoluta: elas têm isonomia no horário político eleitoral e não encontram barreiras para o financiamento de suas campanhas.

Mas o que nos trazem os jornais e a mídia são informações sobre outra forma de igualdade: nossas eleitas roubam gastam cartão corporativo e mentem como seus pares do sexo masculino. Integram “mensalões” e dossiês de todo o tipo. Às vezes, na primeira linha. Outras, nos bastidores. Parecem ter esquecido da agenda

arduamente amadurecida durante o movimento de redemocratização do país. Ou inspirada nas idéias extraídas das lutas feministas no estrangeiro, notadamente as vindas da França e EUA. No Brasil, continuamos sem ações eficientes que atendam direta e majoritariamente os problemas femininos como gravidez na adolescência, aumento de creches e de programas de saúde na Terceira Idade e educação para a inserção profissional da mulher. O individualismo, tão presente na pós-modernidade, parece ter desfeito os laços antes arduamente forjados e que teve no Rio de Janeiro, desde a *belle époque*, o palco para muitas conquistas femininas. Assunto, sem dúvida, para continuarmos a pensar...

Mary Lucy Murray del Priori:

Professora do Programa de Mestrado em História da Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO/NITERÓI- e desenvolve pesquisa intitulada "Cultura, mentalidade e vida social no Rio de Janeiro do século XIX". Tem pesquisas na área de história colonial, história da cultura, história de gênero.